

O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO POR MEIO DA PERSPECTIVA DECOLONIAL

Amanda Mariana Braga Xavier ¹
 Joyce Cristina Miranda dos Santos ²
 Sabrina Freitas da Costa ³
 Sonia de Farias Cardoso Pereira ⁴
 Yasmin Luanne Alves Coelho ⁵
 Isabel Cristina França dos Santos ⁶

RESUMO

O presente trabalho tem o objetivo de analisar o processo de alfabetização e letramento por meio da perspectiva decolonial. A pesquisa foi realizada “Apoio de aprendizagem” no Movimento República de Emaús durante o primeiro semestre de 2024, com crianças dos anos iniciais em turmas multisseriadas. A investigação buscou desenvolver atividades interdisciplinares articuladas com temáticas relacionadas ao bairro do Bengui, ao próprio Movimento República de Emaús e até mesmo à cidade de Belém. Foram desenvolvidas produções textuais, promovendo o desenvolvimento da escrita e a leitura, valorizando o conhecimento prévio dos educandos e resgatando temáticas que lhe atravessam no cotidiano, promovendo assim uma alfabetização significativa e propositiva. O estudo tem como embasamento estudiosos como Freire (1990), Soares (2004), Walsh (2014), dentre outros autores que discutem sobre alfabetização e decolonialidade. O estudo resulta de uma abordagem metodológica voltada à pesquisa-ação contemplada em diferentes etapas, desde o diagnóstico inicial das habilidades de escrita e leitura das crianças até os avanços. No entanto, os resultados mostraram que os alunos diante das suas particularidades de níveis de conceitualização de escrita, experiências com uma diversidade textual ainda na fase da alfabetização e letramento tiveram avanços relevantes, mostrando maior desenvoltura, concentração e intencionalidade como avanços no processo de alfabetização na perspectiva de letramento, visto que o trabalho envolve o cotidiano do bairro, da cidade e os locais por onde as crianças circulam. Os resultados além de evidenciarem que as articulações entre teorias e práticas podem proporcionar avanços nas aprendizagens, deixam à mostra que as práticas socioculturais das comunidades precisam integrar as atividades de escrita, leitura e oralidade.

Palavras-chave: Alfabetização, Decolonialidade, Letramento, Movimento República de Emaús, Multisseriadas.

¹Graduanda do Curso de Licenciatura Integrada em Ciências, Matemática e Linguagens da Universidade Federal do Pará-UFPA, amanda.xavier@iemci.ufpa.br;

²Graduanda do Curso de Licenciatura Integrada em Ciências, Matemática e Linguagens da Universidade Federal do Pará-UFPA, joyce.santos328589@gmail.com;

³Graduada do Curso de Licenciatura Integrada em Ciências, Matemática e Linguagens da Universidade Federal do Pará-UFPA, sabrinaquimica26@gmail.com;

⁴Graduanda do Curso de Licenciatura Integrada em Ciências, Matemática e Linguagens da Universidade Federal do Pará-UFPA, soniafcp50@gmail.com;

⁵Graduanda do Curso de Licenciatura Integrada em Ciências, Matemática e Linguagens da Universidade Federal do Pará-UFPA, yasminluanne@gmail.com;

⁶ Professora orientadora: Dr^a em Educação e docente Associada III do Instituto de Educação Matemática e Científica da Universidade Federal do Pará. (UFPA). irodrigues@ufpa.br



INTRODUÇÃO

O processo de alfabetização vai muito além da simples aprendizagem das letras, sílabas e palavras. De acordo com Freire (1990, p. 11), “ensinar a ler e a escrever é, antes de tudo, ensinar a ler o mundo”, ou seja, alfabetizar é também reconhecer os diferentes ritmos, contextos e experiências dos alunos, valorizando suas vivências e saberes prévios. Sob essa ótica, a alfabetização não pode ser vista apenas como um domínio técnico da língua, mas como um processo que se constrói a partir do diálogo entre educador, educando e o mundo que os cerca, através de suas vivências e experiências, que trazem consigo sentidos e significados presentes em meio a várias inter relações no desenvolvimento e integração dos saberes.

Quando essa prática é pensada a partir de uma perspectiva crítica e decolonial, ela ganha ainda mais potência. A alfabetização passa a ser entendida como um ato capaz de romper com modelos homogêneos e coloniais de ensino, muitas vezes descolados da realidade dos alunos, principalmente aqueles pertencentes a contextos populares, indígenas ou periféricos.

Ao valorizar a cultura local, as falas cotidianas, as memórias e os territórios das crianças, a alfabetização se torna transformadora e significativa nos espaços no qual os educandos estão presentes, refletindo seus diferentes olhares sobre seus territórios que potencializam a criatividade, imaginação diálogos entre as diversidades dos saberes.

Segundo Walsh (2014, p. 118), “a educação deve ser uma prática de libertação, que permita aos educandos se reconhecerem como sujeitos de sua própria história e transformação, rompendo com as narrativas impostas pela colonialidade do saber”, reforçando assim a importância de uma alfabetização que desconstrua as imposições coloniais e valorize as identidades locais. Ou seja, ensinar a ler e a escrever é também abrir caminhos para que os educandos se reconheçam como sujeitos de saber e de história na autonomia de transformação em meio à escrita e transposição de seus conhecimentos, como vivências críticas.

A presente pesquisa foi realizada no Apoio de aprendizagem do Movimento República de Emaús, localizado no bairro do Bengui, em Belém/Pará. O Movimento República de Emaús é uma instituição que atua na promoção de apoio educacional e social para crianças e jovens em situação de vulnerabilidade. O apoio de aprendizagem, atende crianças com baixos índices de alfabetização, às terças e quintas, durante os turnos manhã e tarde, tendo aproximadamente 24 educandos matriculados. O Apoio buscou valorizar os saberes e experiências dos alunos, levando em consideração o contexto social e cultural em que estão inseridas, oferecendo um espaço de aprendizado que conecta a educação



com a vivência comunitária.

A pesquisa tem como objetivo analisar o processo de alfabetização e letramento por meio da perspectiva decolonial, tendo como foco utilizar os conhecimentos prévios destes alunos descrevendo as particularidades das suas vivências. Demonstrando a importância em trabalhar o desenvolvimento da escrita e a leitura por meio de práticas socioculturais permitindo que a criança desenvolva o respeito e se identifique trazendo um afeto para a educação e valorizando o seu aprendizado.

Ao considerar a alfabetização como prática social, torna-se fundamental repensar as metodologias, que muitas vezes reproduzem lógicas coloniais de ensino. Essas lógicas tendem a desvalorizar os saberes populares, as linguagens locais e as múltiplas formas de expressão cultural que compõem o cotidiano dos educandos.

Uma alfabetização precisa estar ancorada na escuta atenta das realidades dos educandos, promovendo experiências que façam sentido em suas vidas. Assim, o ambiente escolar deixa de ser apenas um espaço de transmissão de conteúdos e passa a ser um lugar de construção conjunta de conhecimento, onde a leitura e a escrita são caminhos para a afirmação identitária e a emancipação. Como destaca Freire (1996, p. 23), que “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção.”

Nesse sentido, Soares (2004, p.25) destaca que “o letramento precisa respeitar a pluralidade cultural e linguística dos sujeitos, incorporando os diferentes modos de viver e dizer o mundo”, reforçando a necessidade de práticas que dialoguem com as realidades locais.

O processo de alfabetização permite que a criança deslumbre por meio da leitura e a escrita um novo mundo capacitando-os a conhecer um pouco da suas vivências em torno de sua cidade, segundo Soares (1998):

Alfabetização é dar acesso ao mundo da leitura. Alfabetizar é dar condições para que o indivíduo- criança ou adulto- tenha acesso ao mundo da escrita, tornando- se capaz não só de ler e escrever, enquanto habilidades de decodificação e codificação do sistema da escrita, mas, e, sobretudo, de fazer uso real e adequado da escrita com todas as funções que ela tem em nossa sociedade e também como instrumento na luta pela conquista da cidadania plena. (Soares, 1998, p.33).

A alfabetização transmite o conhecimento das palavras e suas junções para que o indivíduo possa transcrever suas ideias possibilitando codificar e decodificar informações transcritas em placas, livros e dentre outros. A necessidade que o indivíduo também esteja capacitado em fazer uma leitura em torno da sociedade criando um teor crítico sobre a sua realidade, reafirmado por Freire (1989, p.11- 12) que diz:

A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que posterior leitura desta não possa



prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto(Freire, 1989, p. 11-12).

Por este prisma, o processo de alfabetização e letramento permite que o indivíduo conheça o mundo ao seu redor e crie senso crítico sobre a sua realidade, e para que isso aconteça de forma eficaz e que não fuja do foco de ensino, e de extrema necessidade que o educador possa conhecer e utilizar de didáticas lúdicas e os saberes prévios destas criança, construir uma educação libertadora e que vise incluir e dê visibilidade a realidade deste educando.

A alfabetização é um processo que deve abranger diversos campos do saber. A alfabetização na perspectiva decolonial sugere uma metodologia que possibilita aos estudantes entenderem a leitura e a escrita de forma contextualizada, incentivando o crescimento crítico e social dos indivíduos, capacitando-os para interagir com o mundo de maneira mais refletida e independente, tendo o como ação e a autonomia

Em meio às práticas de alfabetização que os educando desenvolve suas escritas, como processo crítico e reflexivo que traz consigo o sentimento de pertencimento e identidade no movimento república de emalús, as relações simbólicas desenvolvidas em meio às práticas decoloniais como eixo central das atividade de alfabetização e letramento, em relação ao desenvolvimento das diferentes escritas que criam um contexto no qual os educandos desenvolvem seus textos em cada etapa de desenvolvimento de suas escritas.

A dificuldade no processo de alfabetização que diversas crianças encontram ao iniciar as séries iniciais manifesta-se por meio de relevantes lacunas nas habilidades de leitura, escrita e oralidade. Essas déficits podem estar ligadas a vários motivos, incluindo a ausência de metodologias educativas. Ressaltado por Soares (2004, p.15) que “a persistência de dificuldades na alfabetização revela a inadequação de métodos descontextualizados que ignoram a realidade sociocultural dos aprendizes”. Desse modo, a implementação de práticas decoloniais surge como uma alternativa promissora para superar os métodos tradicionais de ensino e facilitar uma alfabetização mais efetiva.

O processo de ensino aplicado nas escolas, em grande parte, não possibilita que as crianças valorizem seus próprios saberes e experiências de vida, o que acaba invisibilizando suas referências culturais e sociais. Essa postura pedagógica acaba limitando a aprendizagem em atividades de repetição e memorização, tornando-a pouco atrativa para os alunos dos anos iniciais. Nesse contexto, Cury (2002) destaca que, ao não reconhecer os saberes e práticas culturais dos estudantes, a escola dificulta a construção de uma aprendizagem realmente significativa.



Diante desse cenário, torna-se necessário repensar as metodologias utilizadas nos processos de alfabetização, buscando alternativas que respeitem a diversidade dos sujeitos e considerem suas experiências de vida. A pedagogia decolonial surge, portanto, como uma resposta crítica às práticas hegemônicas, propondo uma reestruturação do ensino que valorize os saberes populares, os contextos socioculturais dos alunos e a construção de uma educação mais justa e plural. Descrito por Walsh (2009, p. 27), onde “a pedagogia decolonial é uma aposta na construção de outros modos de existência, de pensar, de sentir e de viver”, rompendo com a lógica de padronização que tantas vezes marginaliza os que fogem à norma.

Segundo Walsh (2009, p.27), a decolonialidade “implica uma ruptura com o pensamento ocidental e a valorização dos saberes e culturas subalternizadas”. Ao questionar a universalidade dos modelos pedagógicos hegemônicos, essa abordagem busca criar um espaço de aprendizagem que respeite a diversidade cultural e epistemológica dos alunos, considerando suas vivências e contextos sociais.

Além disso, a pedagogia decolonial defende que a educação deve ser um processo transformador, no qual os alunos não apenas se apropriam do conhecimento, mas também desenvolvem uma consciência crítica sobre as estruturas de poder que moldam a sociedade. Como enfatiza Mignolo (2011, p. 30), “a decolonialidade é um projeto para reimaginar e reestruturar o saber e o poder a partir dos contextos locais”. Isso implica na necessidade de desafiar os paradigmas eurocêntricos que ainda dominam as práticas educacionais e de promover uma pedagogia que reconheça as diferentes formas de conhecimento. Assim, a educação decolonial visa capacitar os alunos a pensar criticamente sobre sua própria realidade e a atuar de maneira ativa na transformação social.

A prática pedagógica decolonial, portanto, exige um compromisso ético com a justiça social e a equidade. Candau (2012, p.89) destaca que a pedagogia decolonial “é um projeto de resistência, pois se propõe a desconstruir as relações de poder que sustentam o currículo e a pedagogia tradicionais”. Assim, ao integrar saberes e culturas locais no processo educacional, acaba contribuindo para uma educação mais inclusiva e democrática, que vai além da simples transmissão de conteúdos e busca valorizar as identidades e os modos de vida dos alunos. Nesse contexto, a decolonialidade na educação não se limita a uma metodologia, mas representa um movimento contínuo de transformação e desconstrução das formas coloniais de ensinar e aprender.



METODOLOGIA

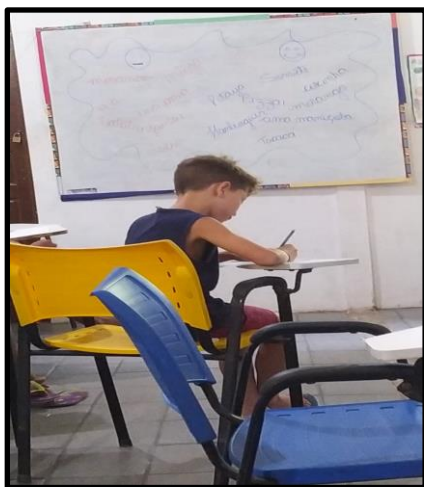
A presente pesquisa caracteriza-se como uma pesquisa-ação de natureza qualitativa, um método amplamente utilizado na educação, pois, ele promove uma interação ativa entre os sujeitos envolvidos no processo investigativo. Segundo Franco (2018), esse tipo de pesquisa tem como principal característica o engajamento coletivo em torno da transformação da realidade, permitindo que os participantes se envolvam diretamente na identificação e resolução de problemas.

A autora explica que “a pesquisa-ação envolve a construção de conhecimentos a partir da prática social, visando à sua transformação e melhoria” (Franco, 2018, p. 17). Assim, essa abordagem metodológica se mostra coerente com os objetivos deste estudo, ao favorecer a reflexão crítica e a ação consciente no contexto escolar.

Além disso, Tripp (2005) destaca que a pesquisa-ação é também uma forma de desenvolvimento profissional, já que estimula o educador a refletir criticamente sobre suas práticas, revisando concepções e estratégias a partir da realidade concreta, “a pesquisa-ação permite ao professor aprender a partir de sua própria prática, promovendo mudanças significativas tanto na sala de aula quanto na postura docente” (Tripp, 2005, p. 32). Dessa maneira, adotar essa metodologia significa comprometer-se com uma educação mais consciente, participativa e transformadora, alinhada aos princípios da formação docente crítica e reflexiva.

Para o presente trabalho foi selecionado o *Livro das Letras*, elaborado pelos alunos, considerando que as atividades ocorreram durante o atendimento de uma terça-feira, com uma média de presença de 6 educandos no turno da manhã e 15 no turno da tarde, sendo a dinâmica aplicada de forma interdisciplinar. Onde cada educando pegava uma letra do alfabeto móvel, onde colocariam palavras que iniciassem com as letras selecionadas, em seguida pegaram uma figura da caixa e a partir da figura fariam um texto dialogando com as palavras escritas.



Figura 1 -Elaboração do Livro das letras**Fonte:** Acervo das autoras (2025).**Figura 2**- Alfabeto móvel**Fonte:** Acervo das autoras (2025).

Portanto, a aula iniciou-se com uma roda de conversa sobre as coisas que mais gostavam e as que não gostavam, os educandos respondiam de acordo com seus gostos, no entanto as educadoras propuseram que eles realizarem um livro de acordo com a letra retirada do alfabeto móvel, identificando seu livro com a letra correspondida, colocando imagens e elaborando frases. Para a atividade foram utilizados papel A4, quadro branco, pincel para quadro, lápis de cor, canetinha, borracha, cola, lápis e régua.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Durante as análises pode-se observar que a prática aplicada no apoio escolar no Movimento República de Emaús teve um resultados positivos para a alfabetização dessas crianças, visto que, muitas vezes não são utilizados os conhecimentos prévios em escolas.

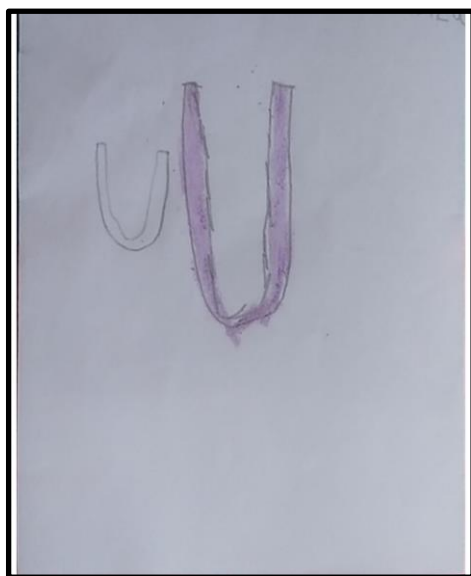
A perspectiva decolonial permitiu que as crianças se expressassem de forma construtiva e com teor crítico, através do diálogo entre o educador e o educando, conhecendo a realidade desse indivíduo e como ele vê o mundo ao seu redor. Tal ato permite que o desenvolvimento e a aprendizagem ocorra de forma conjunta, o que corrobora com Walsh (2009) pois ao mesmo tempo que o aluno está aprendendo, ele transmite informações tanto para as outras crianças que vivem uma outra realidade, ele também permite que o educador obtenha esse conhecimento.

Na atividade selecionada podemos observar que a Aluna X retirou a letra U conforme a figura 3, a partir disto ela precisava associar a letra com algo que ela gostava, no entanto ao selecionar



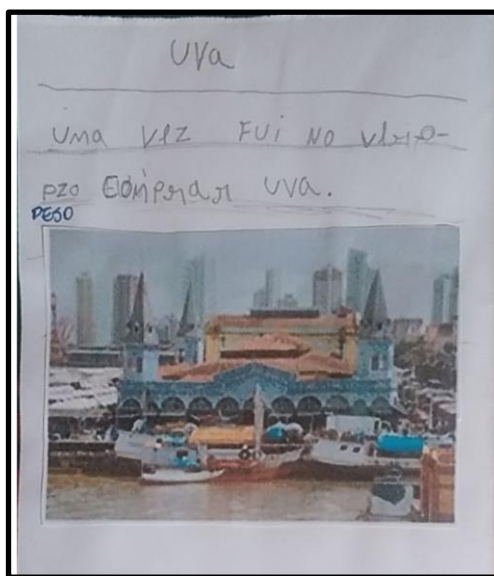
imagens para colar no seu livro, ela preferiu o Ver-o-peso, associando ele a um momento que teve nele, escrevendo a seguinte frase : “ Uma vez fui no Ver-o-peso comprar uva” como apresentado na figura 4.

Figura 3 -Capa da letra U



Fonte: Acervo das autoras (2025).

Figura 4- Atividade aluna X



Fonte: Acervo das autoras (2025).

No entanto, durante a socialização outro educando questionou o porquê de ter colocado a imagem do ver-o-peso. Ela respondeu que no Ver- o - peso é o local onde ela mais compra frutas com a sua mãe, mesmo tendo nas feiras do Bengui, lá é o local mais acessível para compras de frutas que ela já havia observado durante as idas com a sua mãe. Baseado no princípio Freire (1996), complementa-se ao afirmar que quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender, com isso podemos observar que o processo de construção de saberes estão interligados e sendo moldados entre ambos os presentes na vida deste aluno.

Assim o processo de alfabetização e letramento é uma oportunidade para essas crianças que vivem em sociedade marginalizada e julgada diante as classes dominantes, o estudo é o caminho que visibiliza os afortunados e garante que estes superem as desventuras vividas em seu cotidiano.

A alfabetização é um processo que têm o início e um fim para esta criança, mas o letramento é processo contínuo e possibilita a este aluno um universo de diversas oportunidades e expressões, é uma inclusão social, permitindo que a criança possa em si conhecer o mundo ao seu redor, a leitura em sua sociedade, transpire conhecimentos e que possa se comunicar diante a diversas pessoas, em diferentes lugares, permitindo que ela faça parte do universo dos letrados e contribua para a formação



de outros indivíduos construindo a sua identidade nesta comunidade, na definição de Kleiman (1995), o letramento é um conjunto de práticas sociais nos quais os sujeitos envolvidos constroem relações de identidade e poder.

Para reforçar a identidade do indivíduo através da alfabetização, é necessário o ensino de conteúdos ligados à sua realidade e ao seu cotidiano. Pois o aluno, ao chegar à escola, traz consigo conhecimentos prévios que devem ser validados pelo educador e compreendidos em sala como meio de ensino e aprendizagem, como ressalta Freire (1989). Logo, o aluno usa seu conhecimento de mundo para ter uma visão crítica e construtiva acerca do que aprende em âmbito escolar.

Ademais, é necessário que as metodologias conversem com a realidade do aluno. Dito isso, a atividade escolhida buscou facilitar o aprendizado e construir uma dinâmica que interagisse mais com os alunos, incentivando a alfabetização e o letramento com o uso do alfabeto móvel, visto que boa parte da turma possui dificuldade no processo de alfabetização. Utilizar materiais manipuláveis pode ser um caminho mais viável para o processo árduo de alfabetização, podendo contribuir para o ensino de crianças que necessitam de materiais adequados para a aprendizagem

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo educativo de alfabetização sob a perspectiva decolonial é uma prática emancipatória que ultrapassa o domínio técnico da leitura e da escrita que promove o reconhecimento das identidades culturais e experiências dos educandos. A partir da pesquisa realizada no Movimento República de Emaús, foi possível provar que alfabetizar é também um ato de valorização das vivências e dos saberes locais, permitindo assim que as crianças se vejam como atores em sua própria aprendizagem e como sujeitos históricos em constante transformação.

Ao articular práticas socioculturais com o ensino da leitura e da escrita a alfabetização torna-se um espaço de diálogo, reflexão e afeto no qual o conhecimento é construído de forma significativa e contextualizada. A atividade proposta possibilitou uma interação ativa entre educadores e educandos no qual fortaleceu o diálogo entre a teoria e a prática ao mesmo tempo incentivando uma postura crítica frente à realidade.

Portanto conclui-se que a criação do livro das letras, mostrou o potencial da interdisciplinaridade na construção do saber, ao integrar a linguagem a arte e a cultura de forma lúdica e reflexiva. Demonstrando que alfabetizar não é apenas ensinar códigos linguísticos mas, possibilitar que cada educando reconheça a si mesmo como sujeito de transformação social.



REFERÊNCIAS

CANDAU, Vera Maria. Educação, saberes e culturas: a construção da diversidade. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

CURY, Carlos Roberto Jamil. Educação e contradição: elementos de análise da escola pública. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

FRANCO, Maria Amélia Santoro. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2018.

FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler: em três artigos que se completam. 23. ed. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

KLEIMAN, A. B. (Org). Os significados do letramento: uma perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas/ SP: Mercado de Letras, 1995.

MIGNOLO, Walter D. A epistemologia decolonial: práticas e teorias para um outro saber. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

SOARES, Magda. Letramento. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

SOARES, Magda. Letramento: um conceito em três momentos. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

TRIPP, David. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. 1. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

WALSH, Catherine. Interculturalidade, conhecimento e decolonialidade. In: WALSH, Catherine; MIGNOLO, Walter. Educação e mudança decolonial. São Paulo: Vozes, 2009.

WALSH, Catherine. Interculturalidad y descolonización del saber: el reto del siglo XXI. Buenos Aires: CLACSO, 2014.

